

EDUCAÇÃO EMOCIONAL COMO REQUISITO ESSENCIAL NO DESEMPENHO ESCOLAR

EMOTIONAL EDUCATION AS AN ESSENTIAL REQUIREMENT IN SCHOOL PERFORMANCE

Heidi Alcino Costa Gomes¹

Ludmila Louslene Soares²

RESUMO: Neste artigo propõe-se abordar sobre a educação emocional no âmbito escolar, a fim de compreender como as emoções podem interferir no desenvolvimento cognitivo da criança, principalmente em sua fase escolar. Assim, objetiva-se compreender o impacto da educação emocional no desenvolvimento cognitivo da criança na fase escolar. Inicia-se evidenciando a educação emocional não como fator determinante da inteligência, mas sim, na sua otimização. Esta é um processo complexo de construção permanente, originado no seio da família, que passa pela escola e continua por toda a vida. Em seguida, aborda-se acerca do destaque dado ao ensino socioemocional pela BNCC, que visa formar cidadãos com princípios éticos, com tomadas de decisões responsáveis e empáticas, a fim de prepará-lo cognitivamente e emocionalmente, com a intenção de enfrentar as dificuldades da vida em sociedade de forma autônoma. Por fim, busca-se integrar o conceito de educação emocional ao espaço escolar, de modo que é possível contribuir para uma educação integral, da qual o papel do professor nesse processo é fundamental. Nesse sentido, utiliza-se como metodologia a pesquisa bibliográfica e documental, com análise de livros, artigos e documentos que fundamentam a temática, baseada nas ideias propostas por Abed (2014); Antunes (2019); Fonte (2019); Goleman (2012); Piaget (2014); Primi e Santos (2014); e, ainda a análise do documento: BRASIL (2018).

PALAVRAS-CHAVE: Educação emocional. Habilidades socioemocionais. Processo ensino-aprendizagem.

ABSTRACT: This article proposes to address emotional education in the school environment, in order to understand how emotions can interfere with children's cognitive development, especially in their school phase. Thus, the objective is to understand the impact of emotional education on children's cognitive development at school. It begins by showing emotional education not as a determining factor of intelligence, but rather in its optimization. This is a complex

¹ Acadêmica concluinte do curso de Pedagogia do Centro Universitário Alfredo Nasser, no semestre 2021/2. Endereço para contato: heidialcino@gmail.com.

² Professora orientadora, graduada em Pedagogia e Administração, especialista em Educação Infantil e Anos Iniciais. Endereço para contato: ludmila@unifan.edu.br.

process of permanent construction, originating within the family, passing through school and continuing throughout life. Then, the emphasis given to socio-emotional teaching by BNCC is discussed, which aims to train citizens with ethical principles, with responsible and empathetic decision-making, in order to prepare them cognitively and emotionally, with the intention of facing the difficulties of life in society autonomously. Finally, it seeks to integrate the concept of emotional education into the school environment, so that it is possible to contribute to a comprehensive education, in which the teacher's role in this process is fundamental. In this sense, bibliographic and documentary research is used as a methodology, with analysis of books, articles and documents that support the theme, based on the ideas proposed by Abed (2014); Antunes (2019); Fonte (2019); Goleman (2012); Piaget (2014); Primi and Santos (2014); and also the analysis of the document: BRAZIL (2018).

KEYWORDS: Emotional education. Socio-emotional skills. teaching-learning process.

Data de Submissão: 03. maio. 2021.

Data de Aprovação: 15. abr. 2022.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo aborda a educação emocional como requisito essencial em sala de aula, que visa ajudar a reconhecer, entender e escolher sua forma de pensar, sentir e agir, em um processo de autoconhecimento, desenvolvendo habilidades emocionais e, conseqüentemente, a qualquer espaço e tempo, as capacidades cognitivas, de forma significativa, “[...] juntando mente e coração na sala de aula”, conforme Goleman (2012, p. 26).

O tema se faz importante a fim de evidenciar a aquisição de um melhor ensino-aprendizagem por meio da educação emocional em sala de aula, a qual tende a deixar os alunos mais empáticos, espontâneos, participativos, confiantes, interessados, ferramenta primordial para a aquisição de conhecimento.

O presente artigo propõe abordar sobre a educação emocional em sala de aula, com o objetivo de compreender seu impacto no desenvolvimento cognitivo da criança em sua fase escolar. É pela educação que se socializa, que

os indivíduos se tornam cidadãos e não há como dissociar a emoção dessa sociedade que se compartilha, visto que a emoção é parte da fisiologia, ou seja, uma ação que permite proteger, se afastar, se aproximar, seja para se dedicar em abundância ou não, por isto ou por aquilo dentro desse mundo para o qual se é educado.

Partindo de uma reflexão sobre a educação e a emoção, no primeiro tópico, é possível ponderar que, apesar de inúmeras informações acumuladas para a aquisição de conhecimento, pouco se sabe sobre si mesmo e suas emoções, uma vez que não é possível desvincular razão e emoção, e considerar como a educação emocional pode então influenciar o processo cognitivo.

Diante desse contexto, a educação emocional constitui-se em um processo de construção permanente, que parte da família, passa pela escola e continua pela vida. Dessa forma, o segundo tópico vem salientar o quanto o aluno precisa ser preparado pela escola para viver em sociedade, mas não só cognitivamente e sim emocionalmente. Isso amparado pela Base Nacional Comum Curricular - BNCC, por meio das competências gerais, a fim do desenvolvimento das habilidades socioemocionais. Nesse sentido, é imprescindível analisar como a educação emocional, admitida em sala de aula, pode melhorar a aprendizagem como uma ação benéfica à vida.

A seguir, pretende-se enfatizar a prática docente baseada na emoção, da qual o professor tende a buscar um equilíbrio emocional pessoal, assim como a formação continuada, com a finalidade da melhor aplicação. Portanto, é essencial analisar o papel do professor, suas atitudes, sejam no treinamento, atividades de planejamento e / ou prática de sala de aula eficaz, com o intuito de expandir a compreensão dos educadores sobre a importância das emoções para o processo ensino-aprendizagem. Em outras palavras, o papel de “instrutor de alfabetização emocional” costumava ser feito de forma intuitiva, mas, agora, é consciente.

Diante de uma sociedade tão estremecida emocionalmente, o que influi diretamente na aprendizagem da criança, se faz necessário aprender a gerir essas emoções, com significativamente de sentir, pensar e agir, de forma mais equilibrada, facilitando o raciocínio. A partir disso, o problema de pesquisa será norteado pelas seguintes questões: o que é educação emocional? Qual a necessidade de aplicar a educação emocional em sala de aula, e de que forma

ela pode concorrer a favor do desempenho cognitivo do aluno? Qual o papel do professor ao desempenhar as habilidades socioemocionais por meio da educação emocional? Para tanto, a metodologia utilizada para realização da pesquisa em questão é de caráter teórico, com análise de livros, artigos e documentos, que fundamentam a temática.

Este artigo tem como objetivo explicitar e construir um conceito acerca do problema já evidenciado. Gil (2021) ressalta que a pesquisa bibliográfica é baseada em materiais já publicados como livros, revistas, jornais, como também material disponibilizado na internet. Foi desenvolvida por meio de análise das teorias dos seguintes autores: Abed (2014); Antunes (2019); Fonte (2019); Goleman (2012); Piaget (2014); Primi e Santos (2014); e, ainda, também foi feita a análise do seguinte documento que aborda o assunto: BRASIL (2018). Segundo o autor (2021), a pesquisa documental é fundamentada em material com propósitos e públicos específicos, para uma abordagem ampla e sistemática acerca da Educação Emocional e seus reflexos no desempenho escolar.

Em suma, este estudo espera ajudar a compreender, de forma sucinta, a educação emocional e de que forma ela pode conduzir a um melhor desempenho escolar, juntamente com o papel essencial do professor, que parte de práticas inovadoras, primorosas e bem fundamentadas, que não apenas enfatizam a cognição, mas também o impacto dos aspectos sociais e emocionais dos alunos, amparados pela BNCC.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Educação emocional e as influências nos processos cognitivos

Observa-se que, nas últimas décadas, houve um aumento dos estudos das emoções por profissionais das diversas áreas do conhecimento científico e se intensificou ainda mais desde o último ano, em vista da pandemia causada pelo Covid-19, em que a necessidade de uma educação emocional se fez tão vital e isso representa uma condição expressiva para o processo de desenvolvimento humano. Deste modo, é essencial elencar o conceito destes termos “emoção” e “educação” que serão abordados nesta pesquisa.

Para Davidoff (2001, p. 369), o conceito de emoção pode assim ser descrito: “Emoções (também chamadas de afetos) são estados interiores caracterizados por pensamentos, sensações, reações fisiológicas e comportamento expressivo específico. Aparecem subitamente e parecem difíceis de controlar”. Outro conceito do que se entende como emoção é expresso por Bock (2008, p. 167): “As emoções são expressões afetivas acompanhadas de reações intensas e breves do organismo em resposta a um acontecimento inesperado ou, às vezes, muito aguardado (fantasiado) [...]”.

Diante do desenvolver da espécie humana, a educação sempre existiu e existe como base de uma evolução cultural, a qual distingue o ser humano do modo de vida dos outros seres vivos. Na concepção de Kant (1999, p. 15), “O homem não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação”, sendo assim, destacam-se conceitos para o que é Educação: “Ação ou efeito de educar, de aperfeiçoar as capacidades intelectuais e morais de alguém. [...]” (DICIO, 2020, p. 1). Luckesi (1994, p. 37) assevera:

Alguns responderão que a educação é responsável pela direção da sociedade, na medida em que ela é capaz de direcionar a vida social, salvando-a da situação em que se encontra; um segundo grupo entende que a educação reproduz a sociedade como ela está; há um terceiro grupo de pedagogos e teóricos da educação que compreendem a educação como uma instância mediadora de uma forma de entender e viver a sociedade. Para estes a educação nem salva nem reproduz a sociedade, mas pode e deve servir de meio para a efetivação de uma concepção de sociedade.

O conceito do que é educação é amplo, observado sob vários aspectos e vivências. Brandão (2003, p. 21) também contribui:

A educação é uma experiência socialmente perene e pessoalmente permanente de cada um de seus sujeitos: pessoas e povos. Sendo assim, seu sentido é mais o de recriar continuamente comunidades geradoras de saberes, que devem estar abertas ao diálogo e à intercomunicação [...], a educação cria conectividades.

Pode-se assim dizer que educação emocional é aperfeiçoar as reações morais, psíquicas ou físicas, fazendo-se necessário percebê-las, nomeá-las, verbalizá-las, conhecer seus gatilhos, de modo a viver plenamente em sociedade, com diálogos e conexões sadias.

Goleman (2012) defende uma das teorias mais conhecidas, em que a emoção é parte das tomadas de decisão, de um cérebro que não é só racional, e aponta um conceito de “Inteligência Emocional”, definida como a capacidade de reconhecer os sentimentos em si e dos outros, e de estimular e gerenciar os impulsos em si mesmo e em seus relacionamentos.

Apesar de haver alguns momentos em que a emoção pode ser negativa e surtir efeitos dissociados do entendimento, em sua maior parte, ela possui uma contribuição importante para o raciocínio.

O autor (2012, p. 35) acrescenta:

A dicotomia emocional/racional aproxima-se da distinção que popularmente é feita entre “coração” e “cabeça”; saber que alguma coisa é certa “aqui dentro no coração” é um grau diferente de convicção – tem sentido mais profundo – ainda que idêntica àquela adquirida através da mente racional.

De acordo com Goleman (2012), todas as pessoas tendem a apresentar certa reação a uma determinada situação. No entanto, a resposta de uma mesma proposta certamente não será a igual para todos. As pessoas têm dois tipos de mentes: a racional e a emocional, e elas andam em conjunto no decorrer de todo trabalho. As duas mentalidades tendem a se sobrepor e, embora funcionem independentemente, não podem existir sem a influência da outra. Assim, Fonte (2019, p. 32) revela que a emoção é muito importante para a racionalidade e vice-versa: “As emoções são processadas no cérebro em uma região chamada de sistema límbico ou cérebro emocional. E são estimuladas por fatores externos e internos, expressando-se por meio de sentimento”.

No entendimento de Bock (2008), frente a essas informações, pode-se pensar que a emoção é a relação que o cérebro tem com todo o corpo de forma automática, acompanhando reações orgânicas instantâneas. Entende-se que inteligência emocional é conhecer como funciona esse processo, já que não é possível controlar as emoções, porque as pessoas são diferentes e têm sentimentos distintos em situações diversas. E a partir do reconhecimento das emoções, ou seja, observar e pensar na melhor ação para o momento, é passar por uma alfabetização emocional.

Dessa forma, a emoção pode influenciar o raciocínio e é possível dizer que a educação emocional não é necessariamente o saber o que sente, para

que se possa pôr em favor da cognição, mas sim o assimilar ou compreender o significado da emoção e usar o pensamento para uma sábia decisão, avaliando suas consequências. Assim, a alfabetização emocional unida à cognição permitirá mudanças no comportamento humano.

Segundo Piaget (2014, p. 94), a afetividade é um impulso para o desenvolvimento intelectual, sendo a educação emocional uma mola propulsora para um bom desenvolvimento cognitivo: “Enfim, é preciso insistir mais uma vez sobre o fato de essas duas construções – afetivas e cognitivas – serem simultâneas”.

Santos (2000) afirma que, com inteligência emocional, é possível desenvolver um maior potencial cognitivo, uma vez que suas emoções serão pensadas antes do agir e assim haverá o discernimento entre o certo e o errado, despertando o raciocínio e a criatividade na ação. Quando se decide ou não sobre a ação da emoção, se está praticando a educação emocional.

Educação emocional é definida como uma maneira de aprender a lidar com suas próprias emoções, pois o sujeito as conhece e está acostumado a elas. É pela educação emocional que se sabe como demonstrar suas emoções, de modo a interferir na vida do próximo, consciente dos possíveis resultados. O autor (2000, p. 51) ainda destaca: “[...] a educação emocional é ensinar as pessoas a identificar e reconhecer suas emoções e sentimentos, a aprender avaliar suas intensidades, e as expressões corporais correspondentes, no momento em que ocorrem”.

Na visão de Goleman (2012), a educação emocional deve ser iniciada desde a infância, e intensificada durante o período escolar, sendo levada para toda a vida. Uma criança obtém um melhor desempenho estudantil quando tem um emocional estimulado positivamente nos anos que antecedem ao ingresso escolar, que se dá por volta dos quatro anos.

Logo, para uma criança estar bem preparada para ir à escola, sete elementos estão relacionados à inteligência emocional, que permitirão à criança um bom alicerce futuro, que são, nas palavras do autor (2012):

- Confiança: ter certeza que consegue e que se precisar um adulto a ajudará;
- Curiosidade: descobrir é bom e prazeroso;
- Intencionalidade: sensação de competência;

- Autocontrole: saber do que é capaz;
- Relacionamento: compreender e ser compreendido;
- Capacidade de comunicar-se: dividir opiniões, sentimentos e estar segura para tal; e,
- Cooperatividade: trabalhar em grupo.

Goleman (2012, p. 213) aduz:

Todos os pequenos intercâmbios entre pais e filhos contêm tema emocional, e, com a repetição dessas mensagens através dos anos, as crianças formam o núcleo de sua perspectiva e aptidões emocionais. [...] Quando esse tipo de contato se torna um padrão entre a criança e os pais, ela molda a expectativa emocional da criança a respeito de relacionamentos, perspectivas que irão caracterizar o comportamento dela em todas as áreas da vida, para melhor ou pior.

Educar emocionalmente as crianças, desde a tenra idade, seja pelos pais ou professores, é de suma importância para a mesma e para com quem ela se relaciona, pois, com isso, pode ser reduzida a probabilidade de futuros relacionamentos conturbados, a entrada no mundo das drogas, depressão, entre outros males sociais, já que ela estará mais preparada para lidar com as frustrações.

Com base nas ideias do autor (2012), outras cinco habilidades deverão ser desenvolvidas ao longo da vida adulta, que as tornarão pessoas de fato inteligentes emocionalmente, que são:

- Autoconsciência: conhecer seus pensamentos, emoções e limitações e como elas te influenciam;
- Lidar com Emoções: é o controle dos impulsos; ter foco e, com calma, pensar a direção certa;
- Motivação: ajuda a atingir metas, mantendo-se sempre motivado;
- Empatia: é a capacidade de se colocar no lugar do outro; e,
- Lidar com relacionamentos: capacidade de construir relacionamentos, em que saiba resistir à pressão, negociar conflitos, saber ouvir, ser claro ao falar e cooperar.

Diante destas habilidades, sabe-se que nem sempre situações irão acontecer conforme o desejado, contudo o mais importante é saber identificar a emoção e ter um comportamento positivo diante dela. Toda a vida é feita de relações, uma vez que o homem não está só no mundo, portanto é fundamental

ser uma pessoa sociável, saber lidar com o outro, se colocar no lugar dele e saber, principalmente, lidar com as próprias emoções. Em síntese, todos os comportamentos podem ser aprendidos para que se tenha um ambiente saudável e isso também é educação emocional.

Goleman (2012) constata que a educação emocional pode ser um meio de aumentar ou facilitar relações amigáveis em diferentes ambientes, já que, ao exercer a educação emocional, pode-se aumentar o bem-estar emocional e intelectual entre os pares pela empatia. O autor (2012, p. 30) acrescenta:

Uma visão da natureza humana que ignore o poder das emoções é lamentavelmente míope. A própria denominação *Homo sapiens*, a espécie pensante, é enganosa à luz do que hoje a ciência diz acerca do lugar que as emoções ocupam em nossas vidas. Como sabemos por experiência própria, quando se trata de moldar nossas decisões e ações, a emoção pesa tanto — e às vezes muito mais — quanto a razão. Fomos longe demais quando enfatizamos o valor e a importância do puramente racional — do que mede o QI — na vida humana. Para o bem ou para o mal, quando são as emoções que dominam, o intelecto não pode nos conduzir a lugar nenhum.

Em um contexto acelerado da qual vive a sociedade, a educação emocional deveria ser uma preocupação inicial dos pais, para ensinarem seus filhos a empatia, tolerância, incentivá-los a uma convivência saudável. Contudo, esta educação emocional muitas vezes tem sido deixada para cargo da escola. Goleman (2012, p. 294) explicita: “Alfabetização emocional implica em um mandato ampliado para as escolas [...]”.

Uma grande responsabilidade a escola desenvolve, uma educação de forma integral, em que as crianças possam tanto aprender os conteúdos disciplinares quanto desenvolverem o respeito, a solidariedade, a responsabilidade e a ampliação, proporcionando ao aluno educação emocional.

Antunes (2019, p. 16) pontua:

A Educação emocional, dessa forma, não constitui proposta oportunista, menos ainda expressa vontade de inovar. Representa, pelo contrário, passo seguro para uma educação completa, caminho fundamental para construção de pessoas mais seguras e sentimentalmente mais bem preparadas.

A escola, hoje, tem deixado de centralizar seu objetivo somente na formação intelectual e tem buscado cada vez mais a formação integral de seu

aluno, afastando o processo antigo de formação. “No novo cenário mundial, reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, ser criativo, analítico-crítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável requer muito mais do que o acúmulo de informações” (BRASIL, 2018, p. 14), cedendo assim cada vez mais espaço à capacitação para uma vida emocionalmente equilibrada.

A educação emocional visa tornar os indivíduos emocionalmente mais inteligentes. Isso significa que terão mais oportunidades de viver uma vida social estável, com base em “[...] ensinamentos essenciais para a vida [...]”, conforme pondera Goleman (2012, p. 295). Dessa forma, serão capazes de interessar mais pelos estudos, serem mais autônomos, otimistas, resilientes, ter boas relações consigo e com o outro, sabendo tomar decisões em prol do bem comum.

2.2 A educação emocional no processo de aprendizagem amparada pela BNCC

Goleman (2012) percebe que, na sociedade contemporânea, com o aumento do individualismo, o desaparecimento das crenças, bem como o desamparo familiar, vive-se em um período tecnológico, em que tudo parece estar acelerado, o dia parece passar num piscar de olhos e o contato físico está menos frequente. Assim, é imprescindível que haja um conhecimento de si mesmo para lidar com novas situações do cotidiano. Apesar de a tecnologia aproximar mesmo sem estar junto fisicamente, também permite a solidão. Embora a depressão aumente com a idade, há um grande aumento de casos de jovens, surgindo ainda nas crianças, como conta a ser paga pela modernidade.

No mundo moderno e tecnológico, há indivíduos que vivem também uma vida virtual, pensam e agem de acordo com que o mundo externo propõe, como se não pudessem agir por si só. Crianças assistem vídeos de outras jogando ou fazendo algo da qual não tem acesso e internalizam uma vida que não é a sua, sendo persuadidas a sentir algo que não é real, ou que não faz parte do seu cotidiano, o que desperta somente o prazer momentâneo, superficial.

O excesso de acesso à internet, principalmente pelas redes sociais, pode fragilizar o indivíduo, já que em situações reais demandam-se habilidades mais

complexas e que vão sendo adquiridas ao longo da vida, como resolução de conflitos, o controle de reações diversas, sejam elas raiva, medo, insegurança ou até mesmo manifestações de afeto real. Para as crianças, estar sempre em contato com conteúdos produzidos e simulados pode moldar seu comportamento e formação, comprometendo sua saúde emocional.

A criança, desde sua tenra idade, já recebe ou tem acesso a inúmeras informações. Mediante esse exagero, esta nova geração, totalmente tecnológica da qual não se vê sem o uso de aparelhos digitais, está muito prejudicada e precisa de ajuda para administrar o uso dessas informações a fim de não haver um esgotamento cerebral. Cury (2019, p. 14) ratifica: “A era das trevas emocionais ou do esgotamento cerebral, tem muitas causas. Uma delas é o excesso de informações”.

Santos (2000) salienta que a tecnologia, mesmo sendo usada para uma educação com objetivos cognitivos, tem se mostrado insatisfatória. Apesar de inúmeras informações que a televisão, computadores e multimídias oferecem diariamente, essa nova geração, da qual não se imagina viver sem tecnologia, possui imensa falta de habilidades emocionais. O alto índice de crimes cometidos por adolescentes e jovens, não importando sua classe social, prova que a educação de hoje é questionável e, com tantos avanços, ainda tende a ser refletida.

Dentro desse contexto, entre outros fatores está a educação, a qual é totalmente impactada. Contudo, há a primordialidade de diretores, coordenadores, professores passarem a ter um olhar mais atento para o ensino.

Antunes (2019, p. 17) observa:

É também importante que se destaque que um programa de Alfabetização Emocional não elimina os males sociais, nem impede que a agressividade de alguns se manifeste, mas revela que em cada um de nós existe sempre um potencial de dignidade que, desabrochando pela Educação Emocional, ajuda a construir seres humanos melhores.

A escola não pode ser uma instituição que faça do aluno somente um acumulador de informações, com lições puramente intelectuais, e sim ser mais humana, aplicando um olhar para o interior dessa pessoa, o que faz da escola um lugar de educação para a vida e não só de instrução.

Muitas escolas preparam os alunos para o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e outras provas como vestibulares, esquecendo que também precisam ser preparados para serem futuros profissionais, com autocontrole e empatia. Não que o estudo intelectual não seja importante, mas, mais do que isso, é preciso que o aluno cresça nas suas relações interpessoais, cultive amizades duradouras, algo que pode ser concedido só com educação emocional presente nas escolas. Na visão de Antunes (2019, p. 14), “O estudante brasileiro já não pode continuar sendo visto como um intelecto uniformizado e a escola precisa abdicar de sua função única, a de ser agência transmissora de saberes”.

A escola precisa ser significativa na vida do aluno, encontrar maneiras de conectar o conhecimento, considerando as particularidades na diversidade, e isso implica na forma de interagir, de se aproximar, de apresentar um conteúdo. Diante dessa nova perspectiva de ensino, as habilidades para o século XXI ganham força e chegam por meio da Base Nacional Comum Curricular. Dentro das competências gerais, encontram-se as habilidades técnicas ou cognitivas e as habilidades socioemocionais. As competências socioemocionais que estão presentes na BNCC irão guiar os alunos em seus atos e habilidades no dia a dia e em sua vivência em sociedade. Penido (2021, p. 1) relata:

No documento, o foco das escolas passar a ser não apenas a transmissão de conteúdos, mas o desenvolvimento de competências, compreendidas como a soma de conhecimentos (saberes), habilidades (capacidade de aplicar esses saberes na vida cotidiana), atitudes (força interna necessária para utilização desses conhecimentos e habilidades) e valores (aptidão para utilizar esses conhecimentos e habilidades com base em valores universais, como direitos humanos, ética, justiça social e consciência ambiental).

Dentre as dez competências gerais, algumas como a seis, oito, nove e dez, apresentadas abaixo, trazem um destaque maior em relação à educação emocional, não significando que as outras competências também não envolvam estas habilidades, com o intuito de que aluno as vivencie.

[...]

6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. [...]

8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários (BRASIL, 2018, p. 9-10).

Rico (2021a) nota que, na competência seis, o aluno irá desenvolver a perseverança e o foco em cumprir com seus compromissos pessoais e escolares, buscando um desenvolvimento interno e social, em que, a partir do uso do conhecimento dos seus pontos fracos e fortes, possa superar desafios, além de reconhecer o valor do trabalho como fonte de realização pessoal, atingindo metas e objetivos.

A autora (2021b) entende que, na competência oito, é preciso conhecer-se, visto que o aluno precisa ser capaz de estabelecer uma coerência sobre si, compreender a opinião alheia, reconhecer quando as difere da sua de forma respeitosa, saber enfrentar as pressões sociais usando de seus conhecimentos, de sua autoconfiança, para usar a melhor estratégia para tais desafios. Em situação de dificuldade, deve esforçar-se para manter o otimismo, avaliar sua forma de pensar, pondo em prática a prática reflexiva no seu dia a dia.

Na concepção de Rico (2021c), exercitar a empatia está na competência nove, em que o aluno necessita ser capaz de interagir e aprender com outras culturas, e combater o preconceito. A empatia é se colocar no lugar do outro, de modo que o diálogo seja uma forma de promover o entendimento, considerando os pensamentos, sentimentos (seu e do outro), perante as atitudes e decisões.

Para a autora (2021d), já na competência dez, em que agir pessoal e coletivamente implica em ser capaz de ter consciência que suas decisões podem impactar o coletivo, aprende-se a planejar suas ações, ciente de que elas afetarão o coletivo. Por isso, é imprescindível levar em conta os valores éticos, ponderando a melhor decisão para si e para o coletivo.

Com essas habilidades, será possível a articulação dos componentes curriculares juntamente com as habilidades socioemocionais, uma situação de

aprendizagem essencial para uma formação integral, em que será colocada em prática. A partir disso, desenvolve-se a capacidade de pensamento independente dos alunos, que pode resultar na redução de situações indisciplinadas e aumentar o índice de aprendizagem.

No pensamento de Goleman (2012), é evidente que ensino fundamental é o período mais longo e envolve uma grande quantidade de mudanças físicas, psicológicas, cognitivas e, principalmente, emocionais. Este período é crucial, em que as tendências emocionais são moldadas para toda a vida.

Segundo Piaget (2014, p. 30),

A criança de sete anos ou mais, na escola, encontra colegas, e seu círculo de amizade aumenta sem cessar, enquanto, quando pequena, ela não conhecia senão seus irmãos e irmãs. A criança, por seu próprio desenvolvimento social, encontra-se então, na realidade, toda sorte de ocasiões de compensação e de liquidação dos conflitos.

Goleman (2012) explica que esta afirmação é visível já no início do Ensino Fundamental, voltada para a alfabetização, em que todas as situações lúdicas de aprendizagem devem estar bem articuladas. Com as experiências que a criança traz da Educação Infantil, a relação dela com o mundo gradativamente vai sendo ampliada. À medida que as crianças vão crescendo, vão amadurecendo gradualmente e, assim, atingindo um nível mais alto de aprendizado emocional.

Outra transição ainda muito discutida nas escolas é a passagem do quinto ano para o sexto ano (Ensino Fundamental I - anos iniciais - para o Ensino Fundamental II - anos finais), no qual deixam de ter um professor e passam a ter vários docentes especialistas. Há também uma mudança da infância para a adolescência. O autor (2012, p. 290) esclarece: “A puberdade – por ser um tempo de extraordinária mudança biológica da criança, na capacidade de pensar e no funcionamento do cérebro – é também um momento crucial para o aprendizado de lições emocionais”.

Essa passagem da infância para a adolescência acarreta mudanças biológicas, psicológicas, emocionais muito significativas, enfrentadas pelas crianças. Pela lógica dos novos componentes curriculares, e agora com professores especialistas, por conseguinte, isso também estimulará o pensamento mais complexo por parte dos estudantes, que irá levá-los a uma

maior autonomia, a um pensamento mais ágil, crítico e, ao mesmo tempo, o desenvolvimento desse aluno irá permitir ter um pensamento mais abstrato, que favorece a construção dos seus valores.

A partir de tantas mudanças pelas quais as crianças passam desde esta iniciação escolar, a Base Nacional Comum Curricular vem amparar professores e coordenadores, todos envolvidos na educação: “[...] BNCC e currículos têm papéis complementares para assegurar as aprendizagens essenciais definidas para cada etapa da Educação Básica [...]” (BRASIL, 2018, p. 18).

Quando implementadas em seu máximo aproveitamento, tendem a ter um impacto positivo a todos envolvidos. Um dos propósitos da BNCC são as habilidades e competências que os alunos precisam dominar ao longo da vida acadêmica. Não só o domínio das competências e habilidades cognitivas, no entanto, as competências socioemocionais vêm com destaque em ‘educar as emoções’. “[...] a BNCC reconhece que a educação deve afirmar valores e estimular ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, [...]” (BRASIL, 2018. p. 8), o que é essencial ao desenvolvimento do pensamento autônomo.

Desse modo, compreende-se que as emoções influenciam no modo de vida dos sujeitos e, conseqüentemente, da sociedade. Para uma educação mais humana e empática, responsável, capaz de mobilizar conhecimentos imprescindíveis ao dia a dia, contemplar o que determina a BNCC em suas competências se faz mais do que necessário. Sendo assim, interpor as habilidades socioemocionais nos currículos escolares, por meio da BNCC é evidente para o atendimento de acordo com a realidade do aluno no mundo contemporâneo, do qual inovações, abertura de novos caminhos, não somente de reflexão, mas de educação, fazem a diferença em atender as necessidades individuais a cada aluno.

Para Goleman (2012, p. 278),

A ideia básica é elevar o nível de competência social e emocional nas crianças como parte de sua educação regular – não apenas uma coisa ensinada como paliativo para crianças que estão ficando para trás e que são “perturbadas”, mas um conjunto de aptidões e compreensões essenciais para cada criança.

A escola carece, a partir da BNCC, de tomar ciência de seu papel e responsabilidade social para com seu aluno. É necessário educar e orientar os

alunos em relação as suas atitudes e habilidades, para o uso diário em sociedade. A competência socioemocional não é um componente curricular, são habilidades que devem estar contidas em todas as atividades e ações em todas as disciplinas. É uma mudança que deve contar com toda a comunidade escolar, o que pode ser um processo desafiador e inovador para a escola, porém muito eficaz.

Primi e Santos (2014, p. 27) expõem:

De fato, as pesquisas revelam que o conjunto de características socioemocionais contribui aproximadamente tanto quanto as cognitivas na determinação do êxito escolar, tal como medido por notas, probabilidade de abandono e escolaridade final atingida. [...] o atributo Conscienciosidade, que engloba as facetas de responsabilidade, disciplina e perseverança, parece ser o mais relevante.

A alfabetização emocional deve se integrar naturalmente com os componentes curriculares, despertando habilidades básicas de aprendizagem, em que o aluno sinta-se motivado a aprender. Portanto, o desenvolvimento da educação emocional não é só para o período escolar, mas para levar para toda a vida; uma educação que formará indivíduos autônomos, cientes de seu comportamento no meio social e conscientes e críticos em todos os aspectos de sua vida. Para que tudo isso se torne efetivo, é necessário um professor preparado para atuar em sala de aula, com formação para tal, munido de planejamentos adequados, que permitam ações concretas em uma relação dialética.

2.3 O papel do professor na aplicação da educação emocional em favor do ensino-aprendizagem

Cabe ao professor uma série de competências, funções e exigências sociais, uma vez que ele é primordialmente um prestador de serviços, e assim precisa possuir inúmeras habilidades e conhecimentos, tais como: ser um excelente comunicador, criativo, empático, líder, mediador da aprendizagem, dentre muitas outras. Isso lhe fará dominar, dentre outras áreas de atuação, a principal: a sala de aula, estabelecendo um ótimo relacionamento social e

emocional com os envolvidos, com o objetivo de proporcionar a seus alunos o melhor ensino-aprendizagem.

Fonte (2019) cita que o professor precisa aprender a lidar com a nova geração de alunos e isso significa se tornar um docente mais humilde, que possa reconhecer que não é dono da verdade, que esteja disposto a aprender tanto quanto ensinar e que, para esse propósito, é necessário inteligência emocional. O professor desempenha um papel essencial na aprendizagem de seus alunos, pois dele é a responsabilidade de formar um bom cidadão. E, para tal, o educador precisa estar atento as suas emoções e as dos seus alunos, pois um bom relacionamento na sala de aula traz sempre bons resultados, como uma via de mão dupla, em que ambos ensinam e aprendem.

Com base nas ideias de Abed (2014), o envolvimento emocional do professor, ao estar em sala de aula, é importante, tanto que a mediação é algo essencial, pois é ela que atribui sentido às experiências, para que os alunos se sintam seguros e cooperativos. Assim, a intencionalidade é quem motiva os alunos, bem como a reflexão e ação, controle da ansiedade centrado na concentração, como muitas outras. Essas características desenvolvidas pelo professor, a partir de suas experiências diárias, tendem a acrescentar as habilidades socioemocionais dos alunos, apresentando aqui o notável papel que o docente exerce na vida deles.

Diante da realidade da pandemia causada pelo Coronavírus (Covid-19), a qual obrigou muitos pais a ficarem em casa para trabalhar em *home-office* ou porque perderam seus empregos e as crianças deixaram de ir à escola, uma nova realidade está sendo experimentada por muitas crianças, tais como conhecer uma aproximação maior por parte dos pais ou sofrer violências e até mesmo a fome. O retorno às aulas é um grande desafio tanto para os alunos quanto para os professores, porque é na escola que se vive uma das maiores relações sociais e emocionais pelo grande período o qual a criança ali permanece e isso afetará a formação do ser humano (professores e alunos) enquanto pessoa e profissional. Goleman (2012, p. 19) diz: “Aos professores, sugiro que considerem também a possibilidade de ensinar às crianças o alfabeto emocional, aptidão básica do coração”.

O professor tem um papel fundamental na vida dos seus alunos e, como dito anteriormente, enfrenta um grande desafio com a pandemia: chegar até os

alunos pelos diversos meios de comunicação quando não possível presencialmente, se reinventando na forma de ensinar. E como bem se sabe, o professor precisa que seu aspecto físico, social, intelectual e emocional esteja em equilíbrio bem como algumas qualidades, para continuar com o compromisso com seu trabalho, como empatia, temperança, sendo ainda mais flexíveis na abordagem pedagógica, sempre a inovar.

O autor (2012, p. 101-102) enfatiza:

A forma como as perturbações emocionais podem interferir na vida mental não é novidade para os professores. Alunos ansiosos, mal-humorados ou deprimidos não aprendem; pessoas colhidas nesses estados não absorvem eficientemente a informação nem a elaboram devidamente.

Essas qualidades têm como objetivo incentivar os seus alunos a não desistirem, mas que atinja melhor desempenho possível. Abed (2014, p. 7) estabelece: “Transformar o espaço escolar não é uma opção: é uma consequência inevitável desse ‘efeito dominó’ em que estamos inseridos”. Os componentes curriculares são importantes, mas as questões humanas também fazem parte da construção de saberes. Então, todos os envolvidos na comunidade escolar, em especial o professor, acabam por construir um vínculo emotivo com todos. Logo, as habilidades socioemocionais contidas no currículo das escolas são abrangentes com todos os envolvidos no âmbito escolar.

No entendimento de Fonte (2019), é sabido que as emoções dos professores influenciam de forma profunda a atitude, personalidade, construção do caráter e aprendizagem do aluno. E para tal é preciso que o professor também desenvolva inteligência emocional.

Nesse sentido, vê-se a necessidade de as instituições escolares incentivarem a formação continuada, com o intuito de preparar o professor para dominar as competências socioemocionais, assim como também todos os envolvidos no ensino-aprendizagem, para que a partir da experiência do exercício, seja aperfeiçoado, dia após dia, o lado emocional, examinando sua própria prática relacionada à experiência que o ensino da emoção pode promover. Abed (2014, p. 122) define: “O trabalho pedagógico com vistas ao desenvolvimento socioemocional não deve ser considerado como ‘mais uma tarefa do professor’, mas sim como um caminho para melhorar as relações interpessoais na sala de aula e construir um clima favorável à aprendizagem”.

É preciso fazer uma observação minuciosa na sala de aula em relação às emoções dos alunos, pois, com isso, será mais fácil a aplicação da educação emocional. Na concepção de Santos (2000, p. 236), “O conhecimento do perfil de aptidões da criança permitirá ao professor atender melhor às suas tendências naturais para o aprendizado, tornando-o mais agradável”. Não significa que ele deva ser especialista no assunto “emoções”, mas compreender suas emoções, saber controlá-las e, dessa forma, poderá também entender as dos alunos, assim como saber como motivá-los em seus interesses.

Há sempre um aluno ou outro que é indisciplinado e muitas vezes o professor se desgasta e se frustra, e então a inteligência emocional se faz necessária, pois o professor saberá como usar as emoções em seu favor, de forma positiva e adaptativa.

Nas palavras de Antunes (2019), esse alfabetizador emocional precisa compreender a estratégia da aprendizagem específica ou da situação do trabalho e inspirar novas ideias, desafiar, incitar as opiniões. E como não é possível separar a razão da emoção, uma vez que a educação emocional ensina a pensar racionalmente de acordo com a emoção para uma ação consciente, o aprendizado implica em despertar interesse, motivação, participação. Dessa forma, o aprendizado se torna uma afinidade sobre quem ensina e quem aprende. O autor (2019, p. 24) acresce: “O alfabetizador emocional é essencialmente condutor de discussões sobre um tema selecionado, ele passa a palavra de um para outro aluno, sugere múltiplos desafios, debate e estrutura opiniões através de múltiplas interações e ‘casos’ diversos”.

Abed (2014) afirma que o trabalho docente com o objetivo de desenvolvimento socioemocional não deve ser encarado como mais uma tarefa dos professores, mas sim como uma forma de melhorar as relações interpessoais em sala de aula e criar um bom ambiente de aprendizagem. Goleman (2012) ressalta que a educação emocional deve ser aliada a outras matérias, mesclando entre todas as disciplinas padrão. Ao envolver os alunos em todos os aspectos da vida, unindo emoção e a cognição, o conteúdo disciplinar é mais bem absorvido.

Não se pode confundir a sala de aula com um consultório psicoterapêutico, já que este é voltado para tratamentos específicos. A sala de aula tem um profissional preocupado em mediar o aprendizado de forma integral,

a fim de estimular nos alunos pensamentos críticos e reflexivos a respeito de sua realidade, com metodologias que promovam a autoaprendizagem e permitam o desenvolvimento de um aluno autoconfiante, responsável e com desejo de aprender. Segundo Abed (2014, p. 103-104),

O professor não é um psicólogo, a escola não é um local apropriado para a psicoterapia, o *sitting*³ das relações entre professor e aluno não é clínico. É preciso deixar claros os limites da atuação pedagógica e da responsabilidade do professor: seu compromisso com a construção do conhecimento, sustentada pelo desenvolvimento de competências e habilidades que viabilizam e revestem a aprendizagem de profundos significados.

Outro quesito fundamental que o professor precisa em sala de aula é mostrar confiança, afeição e positividade com seus alunos, aumentando o vínculo afetivo entre ambos, o que contribui para a aprendizagem. Portanto, usar a apreciação e a empatia como elementos da prática do professor, pode ser uma grande ferramenta para obter uma sala de aula equilibrada, complacente. Goleman (2012, p. 108) pontua: “As vantagens intelectuais de uma boa risada são mais impressionantes quando se trata de resolver um problema que exige uma solução criativa”.

Quando atua como líder, o professor passa a entender melhor as necessidades dos alunos. Assim, estabelece-se uma relação mais agradável entre educadores e alunos, para que os discentes possam refletir mais profundamente sobre as ideias veiculadas pelos dirigentes da ação docente. A partir do conhecimento dessas necessidades, as intervenções serão melhores aplicadas, já que virão da realidade vivida pelo aluno, nascendo daí uma relação de professor e aluno de concordância e sincronia. Para o autor (2012, p. 137),

A sincronia entre professores e alunos indica a intensidade da relação estabelecida entre eles; estudos realizados em sala de aula mostram que quanto mais estreita for a coordenação de movimentos entre professor e aluno, mais eles são amigáveis entre si, satisfeitos, entusiasmados, interessados e abertos na interação. Em geral, um alto nível de sincronia numa interação indica que as pessoas envolvidas gostam umas das outras.

³ *Sitting* significa contextos.

A inteligência emocional do professor é muito importante, pois, quando se consegue controlar suas emoções, controla-se também a situação da sala de aula. A capacidade de gestão está relacionada a como organizar o ambiente de aprendizagem em sala de aula e à capacidade de trabalho em equipe. Desse modo, pode-se perceber que, no presente momento, o professor é de suma importância, uma vez que urge educar os alunos para lidar com suas emoções como promoção e prevenção da saúde mental, incluindo o aprendizado pela emoção como parceiro no processo cognitivo, em que o aluno agirá emocionalmente por meio do pensamento.

Como exemplo de prática que pode ser desenvolvida em sala de aula, o Instituto Ayrton Senna sugere algumas atividades simples, mas de grande importância para o autoconhecimento, empatia, responsabilidade, foco, organização e persistência. Uma delas é a

Mímica das emoções: Essa atividade pode ser realizada em dupla ou em grupo. Uma pessoa irá expressar uma emoção através de movimentos do corpo ou da face e os demais terão que identificar aquela emoção. Essa atividade é fundamental para que as crianças aprendam a reconhecer as emoções em si e nos outros. Além disso, o reconhecimento das emoções no outro é fundamental para aumentar o vocabulário emocional da criança (INSTITUTO AYRTON SENNA, 2021).

A atividade acima citada ajuda a desenvolver a empatia, que é uma habilidade chave para entender as necessidades das pessoas e cultivar relacionamentos interpessoais; se tornar uma pessoa amiga, ampliando a capacidade de compreensão, além do respeito, que é importante para o bom relacionamento com os outros. Ao imitar emoções que lhe são pedidas, de acordo com a situação dada, os indivíduos conseguem expor o que sentem em relação àquela situação e, ao final, todos os participantes podem debater se, em determinada situação, poderiam ter emoções diferentes das apresentadas, aumentando assim o vocabulário emocional. Essa é também uma excelente oportunidade para explorar a capacidade de percepção em relação ao comportamento alheio, exercendo a criatividade, a imaginação e a inovação ao propor soluções para os problemas e desafios do dia a dia.

O importante é ser criativo nas práticas, de maneira a promover a curiosidade, a autonomia; ajustar cada situação ao mais próximo da realidade

do aluno; e, perceber suas limitações, pois, ao lidar com diferentes culturas, modos de pensar, atitudes, o professor garantirá ao aluno ser um cidadão mais confiante em si mesmo. Fonte (2019, p. 154) expressa: “De mãos dadas, encontraremos caminhos irreversíveis para a vida de nossos sonhos, pois, na alma pura, nasce a poesia diária, latente em cada um de nós”.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia de educação emocional e o desempenho escolar partiram do pressuposto de que é impossível pensar em uma sociedade que evolui e está constantemente aberta a mudanças, sem ver a escola como parte destas mudanças, uma vez que ela também opere transformações na educação dos seus. Uma emoção pensada antes da ação, podendo o indivíduo ter uma tomada de decisão sobre sua ação, é a educação emocional sendo posta em prática e foi a partir do estudo desse conceito que se deu a compreensão da necessidade da aplicação desta no âmbito escolar.

Notou-se que a família, a escola e toda a sociedade carecem de um movimento em busca de uma vivência emocional, da qual se aperfeiçoa o raciocínio e o comportamento cognitivo, ou seja, o diálogo com as práticas, enfatizadas pelas competências gerais da BNCC, que propôs um cenário escolar muito mais amplo e integral, evidenciando a autonomia, resiliência, a empatia, uma tomada de decisão centrada no bem comum, dentre outras habilidades socioemocionais, que beneficiam o ensino-aprendizagem.

Após os benefícios proporcionados pelo desenvolvimento das habilidades socioemocionais serem plenamente refletidos e comprovados, é imprescindível que a implementação nas escolas aconteça o mais breve possível. Gerenciar emoções e manter relacionamentos interpessoais saudáveis, fazem parte das reformas educacionais modernas, porque não se pode pensar em cognição sem considerar as emoções como demonstrado por vários autores nesta pesquisa. Para que tudo isso se torne realidade no campo da educação, é preciso ousar, acreditar e colocar em prática.

Nesse caso, é necessário realizar projetos que envolvam o conhecimento da educação emocional nas escolas. Os educadores precisam

desenvolver com urgência procedimentos metodológicos que levem à alfabetização emocional. Saber sobreviver e saber conviver pode produzir uma nova era, novos conhecimentos e horizontes científicos, motivados pela possibilidade de construir uma sociedade mais justa fraterna e igualitária.

Para que haja mais propostas de educação emocional para os estudantes, é necessário que o docente tenha formação adequada na temática para desenvolvê-las, já que ele é o mediador da aprendizagem e modelo emocional dos alunos.

Por fim, este trabalho se configurou como um estudo com respaldo teórico preliminar sobre o assunto, que servirá de base para novas pesquisas. Ante o exposto artigo, tornou-se evidente a necessidade de um plano de ensino claro e específico para romper a dicotomia entre razão e emoção, enfatizando a importância do desenvolvimento de habilidades emocionais entre docentes e discentes, essenciais para uma aprendizagem significativa.

REFERÊNCIAS

ABED, Anita. **O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica**. São Paulo: UNESCO/MEC, 2014.

ANTUNES, Celso. **Trabalhando a alfabetização emocional com qualidade**. São Paulo: Paulus, 2019.

BOCK, Ana Mercês Bahia. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

BRANDÃO, Carlos R. **A pergunta a várias mãos**: a experiência da pesquisa no trabalho do educador. São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CURY, Augusto. **Inteligência Socioemocional**. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

DAVIDOFF, Linda L. **Introdução à Psicologia**. 3. ed. São Paulo: Pearson Makron Books, 2001.

DICIO - DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. **Educação**. Porto: 7 Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/educacao/>. Acesso em: 28 mar. 2021.

FONTE, Paty. **Competências Socioemocionais na Escola**. Rio de Janeiro: Editora Wak, 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

INSTITUTO AYRTON SENA. **Socioemocionais na quarentena**: 5 atividades para Ensino Fundamental I. 2021. Disponível em: <https://institutoayrtonsenna.org.br/pt-br/conteudos/estante-do-educador/socioemocionais-na-quarentena-cinco-atividades-para-fundamental-I.html>. Acesso em: 08 out. 2021.

KANT, Immanuel. **Sobre a Pedagogia**. 2. ed. Piracicaba: Editora Unimep, 1999.

LUCKESI, C. C. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

PENIDO, Anna. **Qual aluno queremos formar?** 2021. Disponível em: <https://novaescola.org.br/bncc/conteudo/2/qual-aluno-queremos-formar>. Acesso em: 20 set. 2021.

PIAGET, Jean. **Relações entre a afetividade e a Inteligência no desenvolvimento mental da criança**. Rio de Janeiro: Wak, 2014.

PRIMI, Ricardo; SANTOS, Daniel. **Desenvolvimento socioemocional e aprendizado escolar**: uma proposta de mensuração para apoiar políticas públicas. São Paulo: Instituto Ayrton Senna, 2014.

RICO, Rosi. **O que abrange a competência Trabalho e Projeto de vida**. 2021a. Disponível em: <https://novaescola.org.br/bncc/conteudo/10/competencia-6-trabalho-e-projeto-de-vida>. Acesso em: 20 set. 2021.

RICO, Rosi. **Competência 8**: Autoconhecimento e Autocuidado. 2021b. Disponível em: <https://novaescola.org.br/bncc/conteudo/12/competencia-8-autoconhecimento-e-autocuidado>. Acesso em: 20 set. 2021.

RICO, Rosi. **Competência 9**: Empatia e Cooperação. 2021c. Disponível em: <https://novaescola.org.br/bncc/conteudo/13/competencia-9-empatia-e-cooperacao>. Acesso em 20 de set. 2021.

RICO, Rosi. **Competência 10:** Responsabilidade e Cidadania. 2021d.
Disponível em: <https://novaescola.org.br/bncc/conteudo/14/competencia-10-responsabilidade-e-cidadania>. Acesso em 20 de set. 2021.

SANTOS, Jair de Oliveira. **Educação Emocional na Escola:** a emoção na sala de aula. 2. ed. Salvador: Faculdade Castro Alves, 2000.